

NARRANDO O TRAUMA E A ANGÚSTIA: PECULIARIDADES DE MARCOS REY E BERNARDO KUCINSKI

NARRATING THE TRAUMA AND THE ANGUISH: PECULIARITIES OF MARCOS
REY AND BERNARDO KUCINSKI

Altamir Botoso⁸⁶

Samantha Isabela Pinto Pereira da Silva⁸⁷

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar duas obras, uma de Marcos Rey, *O último mamífero do Martinelli*, e outra de Bernardo Kucinski, *K.-Relato de uma busca*, afim de averiguar a importância destas obras para compreender um dos períodos mais delicados da história brasileira: a ditadura militar. Como fundamentações teóricas serão utilizados textos dos seguintes pesquisadores: Márcio Seligmann-Silva (2008, 2010), Tânia Carvalhal (2006), Antonio Candido (2004), Walter Benjamin (1994), Tzvetan Todorov (2003). A escolha das duas obras literárias analisadas está diretamente ligada ao fato de que não há muitos estudos sobre elas e seus autores. Por conta da genialidade e da maneira com que constroem suas tramas, consideramos que é de grande valia levantar questões que possam aproximar os dois romances mencionados e destacar a opressão e a impotência dos personagens, que se cristalizam no papel de vítimas no universo ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura militar; Trauma; Marcos Rey; Bernardo Kucinski; Literatura comparada.

ABSTRACT: This article aims to analyze two works, one by Marcos Rey, *O último mamífero do Martinelli*, and another by Bernardo Kucinski, *K.-Relato de uma busca*, in order to ascertain the importance of these works to understand one of the most delicate periods in Brazilian history: The military dictatorship. The theoretical basis will be based on the texts of the following researchers: Márcio Seligmann-Silva (2008, 2010), Tânia Carvalhal (2006), Antonio Candido (2004), Walter Benjamin (1994), Tzvetan Todorov (2003). The choice of the two literary works analyzed is directly linked to the fact that there are not many studies about them and their authors. Because of the genius and the way in which they construct their plot, we consider that it is of great value to raise questions

⁸⁶ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Assis. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: abotoso@uol.com.br.

⁸⁷ Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. E-mail: SAMANTHA-IP@hotmail.com.

that can bring the two novels mentioned and highlight the oppression and impotence of the characters, which crystallize themselves in the role of victims in the fictional universe.

KEYWORDS: Military dictatorship; Trauma; Marcos Rey; Bernardo Kucinski; Comparative literature.

1. INTRODUÇÃO

A valorização do cânone e os estudos voltados para a Literatura Clássica são os principais objetos de estudo na área da Literatura. Todavia, é necessário observar que há grandes nomes que merecem reconhecimento pela capacidade de esmiuçar ideias e comportamentos tão comuns nas sociedades de diversas épocas. A literatura de Língua Portuguesa tem uma vasta produção que analisa o comportamento humano, seus sentimentos e ações, desde o período das cantigas trovadorescas (nas quais os sentimentos eram transmutados em palavras que poderiam representar admiração, sarcasmo, ironia e paixão), passando por Eça de Queirós, que demonstrava as consequências das atitudes e a hipocrisia da sociedade portuguesa oitocentista, transformando-se com as inquietações de Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, até chegar à contemporaneidade e continuar sofrendo com a incerteza, a busca pela identidade e o medo da violência.

Existem grandes nomes na atualidade que, de forma brilhante, tecem narrativas que possibilitam olhar o eu diante do outro além de se colocar no papel do outro e questionar padrões e comportamentos pouco observados em outras épocas. Dentre eles estão Marcos Rey e Bernardo Kucinski, ambos capazes de mostrar a realidade de maneira crua, com narrativas intensas e que criticam e denunciam as ações da ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945) e do período militar no Brasil (1964-1975).

Assim, nosso objetivo é realizar um estudo comparativo entre *O último mamífero do Martinelli*, de Marcos Rey e *K.- Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, enfocando o modo como os autores recriam os períodos de repressão do

militarismo e o papel de vítimas assumido pelos protagonistas dos romances em apreço.

Pautados pelos pressupostos teóricos da literatura comparada, primeiramente, vamos fazer uma breve apresentação dos autores, destacando os dados mais relevantes de suas biografias, bem como elencando suas obras mais importantes, para, em seguida, realizar a análise comparativa entre as duas obras selecionadas para esse estudo. Sigamos adiante com nossa proposta.

2. MARCOS REY: UM ESCRITOR MULTIFACETADO

Marcos Rey, pseudônimo de Edmundo Donato, nasceu em São Paulo no ano de 1925, e faleceu no mesmo local em 1999. Foi um escritor e roteirista brasileiro. A cidade de São Paulo era o cenário de grande parte de suas obras. O seu maior número de publicações é voltado para o público juvenil, na Coleção Vagalume, da Editora Ática. Na década de 1990, tornou-se colunista da revista *Veja* em São Paulo e em 1999, após voltar de uma viagem à Europa, adoeceu, sendo internado para uma cirurgia, não resistiu às complicações, faleceu no dia 1º de abril, aos 74 anos. Foi cremado, e um mês depois, sua esposa, Palma Bevilacqua Donato, sobrevoou com um helicóptero o centro da cidade, espalhando as cinzas do autor sobre São Paulo, a grande personagem de toda sua produção ficcional.

Suas principais obras são: *Um gato no triângulo* (1953), *O enterro da cafetina* (1967), *Memórias de um gigolô* (1968), *Ópera de sabão* (1978), *Soy loco por ti, América!* (1978), *O último mamífero do Martinelli* (1995). Ganhou vários prêmios e entre eles podemos destacar o Prêmio Jabuti, em 1968, e depois, em 1994, e o Troféu Juca Pato, em 1996.

3. BERNARDO KUCINSKI: AQUELE QUE TRANSFORMA DOR EM LITERATURA

Bernardo Kucinski é jornalista e professor aposentado da Universidade São Paulo. Seus pais são imigrantes judeus da Polônia que se instalaram em São Paulo durante o período da Segunda Guerra Mundial. Nascido em 1939, o escritor foi um militante estudantil durante o período da Ditadura Militar no Brasil e, após ser preso e exilado, viveu em Londres, entre 1971 e 1974.

Durante este período foi produtor e locutor da BBC, correspondente de *Opinião* e depois da *Gazeta Mercantil*, dedicando-se ao aprofundamento de sua formação em economia. De volta ao Brasil em 1974, participou da fundação dos jornais alternativos *Movimento* e *Em Tempo* (do qual foi o primeiro editor, em 1977). A partir de então, trabalhou como editor de *commodities* da *Gazeta Mercantil* e foi correspondente do jornal *The Guardian*, da revista *Euromoney*, e do boletim *Latin America Political Report*, todos periódicos londrinos, e de *Lagniappe Letter*, newsletter novaiorquina, além de produzir cadernos especiais para a revista *Exame*. Também participou da revista *Ciência Hoje*, da SBPC (Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência).

Em 1986, entrou para o quadro da USP, como professor da Escola de Comunicações e Artes. Em 1991, apresentou sua tese de doutoramento, *Jornalistas Revolucionários – Nos tempos da imprensa alternativa*, um estudo que mapeou cerca de 150 periódicos surgidos entre 1964 e 1980. Em 1997, ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura com o livro *Jornalismo Econômico* (1996), resultado de sua tese de livre-docência e do pós-doutorado realizado em Londres. Uma de suas publicações, as *Cartas Ácidas*, eram pequenos relatórios diários a partir da leitura crítica da mídia e enviadas para o candidato à Presidência da República em 1998, Luiz Inácio Lula da Silva. Em 2002, com a vitória do candidato do PT, tornou-se assessor especial da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, cargo que deixou em 2006.

Sua estreia na ficção, com o livro *K. - Relato de uma Busca*, possibilitou-lhe chegar como finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Portugal Telecom de 2012.

Suas principais produções literárias são: *Você vai voltar pra mim e outros contos* (2014), *K.- Relato de uma Busca* (2011), *Jornalismo econômico* (1996), *Jornalistas e Revolucionários* (1991), *O que são Multinacionais* (1991) *Brazil Carnival of the oppressed* (1995), *Pau de Arara, La Violence Militaire au Brésil* (1971), *Jornalismo na era virtual* (2005).

4. O RESGATE DE MEMÓRIAS EM O ÚLTIMO MAMÍFERO DO MARTINELLI

Publicada em 1993, a narrativa aborda questionamentos e devaneios de um perseguido político que se esconde no edifício Martinelli, em São Paulo. A partir daí, o personagem resgata, por meio de objetos esquecidos, a memória de pessoas que viveram ali em outras épocas. Para se alimentar, começa a procurar, e vender, itens que possam ter algum valor comercial. Em cada andar do prédio o personagem descobre algo novo, seja por meio de uma carta esquecida, um buraco de bala em um apartamento, ou por anotações de horários na parede. Ocorre então uma ruptura de tempo, ele consegue projetar os fatos e memórias como se os tivesse vivido.

O personagem principal não recebe um nome próprio dentro do enredo e isso deixa patente que o relato em questão poderia ser a história de qualquer perseguido político durante o período da ditadura Vargas ou de qualquer outra época na qual o desmando dos militares tenha imperado. Dessa forma, o romance torna-se atemporal e as ações vivenciadas pelo personagem podem fazer parte de qualquer sistema opressivo, no qual os órgãos repressores, comandados por ditadores, perseguem, torturam e matam aqueles que se opõe ao regime que está no comando.

A busca pela sobrevivência torna-se cada vez mais difícil, pois o personagem sente que está sendo perseguido, inicia-se então uma caçada a bens valiosos para comprar a maior quantidade de comida possível e sair do edifício o mínimo que puder. O sofrimento e o desgaste emocional são agravantes que fortalecem cada vez mais o processo de loucura pelo qual o personagem está passando.

Dormiu bem aquela noite. Na manhã seguinte, depois de lavar o rosto, barbear-se e tomar café, saiu do aposento para nova excursão. Então ouviu um ruído no terceiro andar e assustado caminhou até a escada. Se visse **algo anormal**, desceria. Entretanto, o que viu foi **apenas o mestre-relojeiro**, Alonso-tio, à porta de seu estabelecimento. O velho o olhou com desdém. (REY, 2005, p. 82, grifos nossos).

No trecho acima, percebemos que há mudança de comportamento no personagem. O anormal para ele seria a presença de outras pessoas no edifício, porém ao perceber que o barulho que está ouvindo é apenas uma ilusão, sua preocupação se extingue. Entendemos então que o vínculo com a memória dos antigos moradores do local é de suma importância na construção da narrativa. O personagem é, muitas vezes, capaz de assumir o lugar de alguns deles, como é o caso do trecho já mencionado, no qual o mestre-relojeiro inicia uma conversa com o personagem como se este fosse seu sobrinho.

- O que vem fazer aqui? – perguntou. – Suma, por favor.

- Apenas vim tirar uma foto sua, tio.

- Não quero nada de você. Desapareça.

Ele foi até a porta, a máquina nas mãos. O tio recuou para o interior da relojoaria e ele o seguiu, sempre a sorrir. (REY, 2005, p. 82).

A transformação do personagem é rápida e sem avisos, ora observador ora usurpador de memórias. Dizemos que o personagem age como um usurpador de

memórias devido ao fato de se colocar como integrante dos acontecimentos que antecedem a sua presença no edifício Martinelli.

A ânsia por desvendar os mistérios e segredos dos antigos moradores do edifício é cada vez maior, o personagem até se define como um tipo de Sherlock Holmes, um detetive criado pelo escritor inglês Arthur Conan Doyle.

Estava ansioso para retornar às pesquisas. Esse tipo de investigação, como tudo, requer aprendizado. E ele achava que logo faria progressos. Lembrou-se de Sherlock Holmes, a quem qualquer detalhe, imperceptível que fosse, tinha um significado, levava a conclusões. Poderia parecer uma espécie de loucura, mas descobrira um bom meio de preencher suas horas. (REY, 2005, p. 24).

[...]

Nas pesquisas, se prosseguisse nelas, adotaria sempre a linha sherlockiana, o raciocínio policial, a conclusão como resultado da soma das evidências. Não deixar os personagens soltos, boiando ao sabor da fantasia, da criatividade, mas cercá-los, algemá-los, segundo as provas encontradas. (REY, 2005, p. 69).

Notamos que o personagem emprega as técnicas e os procedimentos de Sherlock Holmes para tentar apreender a realidade que o cerca e isto é também um modo de preencher o vazio de sua existência, que se consome entre as sombras e a escuridão do velho edifício Martinelli, onde ele se esconde daqueles que o oprimem, ou seja, os representantes do poder militar de Getúlio Vargas, os quais, seguramente, torturá-lo-iam e o matariam, caso ele fosse encontrado.

O narrador onisciente revela que o personagem é alguém culto, conhecedor de diversos escritores consagrados e consegue estabelecer uma ligação entre suas experiências no edifício e diversas narrativas literárias.

Colocando-se perto da janela, daria até para ler. Robinson Crusóé seria a leitura ideal... (REY, 2005, p.11).

Ele leu e releu a notícia, lembrando da literatura noir que substituíra em sua preferência a de aventura. Rafael Sabatini trocado por Dashiell Hammett. (REY, 2005, p.30).

Lamentou que o Aurora não aparecesse na fotografia. Então ele dera escândalo quando a polícia chegara? Devia ter sido cômico, mais para noir de Raymond Chandler, que não dispensava o lado ridículo de tudo [...] (REY, 2005, p. 31).

Decidira penetrar em todos os cômodos daquele castelo. Penetrar até em entradas secretas, ligadas por túneis que levariam as charnecas sombrias do agrado de Emily Brontë [...] (REY, 2005, p. 48).

Aqueles seios icônicos, iguais aos que Alex Raymond implantava nas heroínas de suas histórias em quadrinhos, seriam obra do sutiã ou nasceram com ela? (REY, 2005, p. 59).

Uma coleção de livros completa e encadernada. Júlio Verne, que ele e milhões, em todo o mundo, leram na infância ou juventude. (REY, 2005, p.73).

Observa-se que o personagem se interessa pela literatura policial, mas, possui amplo conhecimento sobre a literatura de aventura e também pela literatura gótica que tem como uma das principais representantes Emily Brontë. Percebe-se uma ênfase na literatura policial, já que a história do protagonista de Marcos Rey guarda notáveis semelhanças com essa modalidade narrativa, seja em relação ao aspecto da investigação, seja pela possibilidade de deflagração da violência, comum nas histórias de detetives de Raymond Chandler e Dashiell Hammet, caso os representantes do militarismo viessem a localizá-lo. De acordo com Antonio Candido, não é possível viver restrito à acontecimentos reais e cotidianos sem projetar histórias e trazer à tona o conhecimento que depende da imaginação. Dessa forma,

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente de nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, causo, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. [...] Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, 2004, p. 174-175).

Podemos observar que o personagem, com seu amplo conhecimento literário, conseguiu atribuir ao edifício diversos núcleos narrativos, nos quais cada qual possui um problema, um mistério a ser resolvido. Tzvetan Todorov, em *Poética da Prosa* (2003), esmiúça as particularidades dos textos literários e nos diz que nos romances policiais o leitor está diante de duas histórias: a do crime e a de quem investiga o crime.

Na base do romance de enigma encontramos uma dualidade, e é ela que vai nos guiar para descrevê-lo. Esse romance não contém uma, mas sim duas histórias: a história do crime e a história da investigação. Em sua forma mais pura, essas duas histórias não têm nenhum ponto em comum. (TODOROV, 2003, p. 65).

Vemos que a afirmação de Todorov sobre a dualidade do romance investigativo vai ao encontro do romance aqui apresentado, pois o narrador descreve duas histórias, uma vivida por um perseguido político e outra que ocorreu antes, esta história que antecede a presença do personagem que ora narra uma tentativa de estupro, ora um assassinato e ora uma traição. A única ligação entre as histórias é a ânsia do personagem por desvendar mistérios, aliada à necessidade de encontrar objetos para vender.

Percebe-se que o papel investigativo do personagem ganha maior dimensão, quando ele se projeta no passado e imagina que está interagindo com pessoas que estiveram ali em outras épocas. Um dos momentos mais intensos com o passado é o breve diálogo com duas adolescentes que frequentavam o Martinelli, uma delas estava apaixonada pelo seu dentista e, após deixar uma mensagem declarando seu amor, foge e esbarra no personagem que revela saber o seu segredo:

Ela olhou para o homem que quase jogara ao chão. Continuava diante da porta do dentista, fixando-a com um sorriso icônico. [...] Ele resolveu brincar.

- Eu sei.

A peitudinha desviou o olhar, trocando o rubor por palidez mas a nissei sorriu.

- O senhor sabe?

Ela escreveu duas palavras com batom no lavatório. Atrás da toalha.

A garota encarou-o apavorada. Quem era aquele, um fantasma, um vidente? Parecia prestes a desmaiar. (REY, 2005, p. 67-68).

O excerto acima trata de uma trama secundária na obra, mas que põe em relevo o fato de que os personagens estão sempre tentando ocultar seus sentimentos, suas verdadeiras intenções. A revelação de seus verdadeiros propósitos poderia causar decepções, no caso da adolescente apaixonada não ser correspondida e, em relação ao personagem de *O último mamífero do Martinelli*, revelar-se, mostrar-se, significaria a possibilidade de prisão, tortura e até a sua própria morte.

No final do romance, o personagem central resolve abandonar o edifício e reatar o contato com os demais seres humanos que irá encontrar, pois ele havia se isolado, vivendo como um fugitivo, que tinha medo que qualquer contato com outras pessoas pudesse pôr a sua segurança em risco:

Decidiu, assim que pudesse, deixar o Martinelli. Começaria com tentativas. Reencontros com a cidade. Andar no plano, não apenas subir escadas. Depois, encorajado, pediria caronas até a fronteira. Seria salutar, inclusive divertido. Entre espirros e tremores de frio tratou de preparar-se psicologicamente para esse dia. As caronas. Como o receberiam os caminhoneiros? Seriam acessíveis, sensíveis e mais “íveis” homens escravizados à monotonia das estradas? Gostam de visitantes em suas cabines ou repelem com desconfiança? Preferem seguir em frente ou os seduz mais a volta? Ele, por exemplo, há muito escolhera a estrada de regresso. Mas não a encontrava em seu mapa. (REY, 2005, p. 90).

No entanto, ao sair do Martinelli, o personagem depara-se com uma festa imensa, na qual as pessoas comemoram o ano novo. Novamente, ele está só, embora mergulhado numa multidão, que festeja alegremente. Desse modo, o protagonista continua ensimesmado, solitário, amedrontado e dificilmente

conseguirá ligar-se à turba que o circunda. De modo paradoxal, ele acaba sendo atropelado e morre, terminando por alcançar a liberdade que desejava ardentemente. Sua morte conecta-se com a morte de Ana, a personagem do romance de Kucinski, pois nos dois casos, ela ocorre de modo bestial, inesperado, ceifando o futuro dos personagens e irmanando-os numa situação esdrúxula que inquieta o ser humano desde sempre e para a qual nenhuma explicação é convincente.

5. A BUSCA INCESSANTE E O DESCASO EM K. – *RELATO DE UMA BUSCA*

Publicada em 2011, o primeiro livro do gênero ficção de Bernardo Kucinski aborda o sumiço da irmã do escritor e a saga de seu pai em busca de respostas. O livro conta com 29 capítulos e narradores em 1ª e 3ª pessoa. Além da perspectiva de K., temos a visão de outros personagens, assim a totalidade da narrativa se dá com o depoimento de alguns personagens e o olhar do narrador sobre outros. Ao portar críticas explícitas ao regime ditatorial *K.* - *Relato de uma busca* é uma espécie de fechamento de ciclo no qual muitas lacunas foram abertas e muitos mistérios envolvidos. A busca por Ana Rosa desnuda fatos desconhecidos à família: um matrimônio, um engajamento político e outros interesses relacionados a ela que demonstram o quão distante o pai estava. Investindo o tempo na cultura do povo judeu e no idioma iídiche, o pai de Ana Rosa negligenciou assuntos importantes e deixou de notar como os filhos estavam vivendo.

Antes de iniciar o primeiro capítulo, há um aviso sobre a autenticidade da narrativa: “Caro leitor: Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu” (KUCINSKI, 2011). Observamos que o narrador iniciará um jogo entre a ficção e a realidade, pois a oração adversativa “mas quase tudo aconteceu” traz consigo o peso e a dor de quem não obteve respostas, mas a partir do testemunho e dos fatos pode afirmar que determinados acontecimentos são verídicos. Com essa advertência, percebe-se que embora haja fatos verídicos o leitor deve apreender a

narrativa pelo viés ficcional. Em “O narrador”, Walter Benjamin explicita de forma bem clara o poder deste e como ele articula suas palavras a fim de impactar o leitor:

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIN, 1994, p. 204).

O capítulo “As cartas à destinatária inexistente” demonstra todo o descaso em relação ao desaparecimento de Ana Rosa Kucinski. O narrador revela que frequentemente chegam ao seu antigo endereço correspondências endereçadas a sua irmã:

O carteiro nunca saberá que a destinatária não existe, que foi seqüestrada, torturada e assassinada pela ditadura militar. Assim como o ignoraram antes dele, o separador das cartas e todos do seu entorno. O nome no envelope selado e carimbado como a atestar autenticidade, será o registro tipográfico [...] de um mal de Alzheimer nacional. (KUCINSKI, 2011, p. 12).

Obtemos, por meio deste trecho, os sentidos e a profundidade com que a história será narrada. A acusação contra a ditadura militar deixa claro que o narrador não poupará informações nem usará eufemismos durante a narrativa. Por trás das grandes notícias sobre a ditadura militar podemos observar, durante a leitura, que existiam detalhes ainda mais importantes que em sua totalidade formaram uma tragédia pouco divulgada a partir de então. Nesse sentido, falando

na língua da melancolia, podemos pensar que algo da cena traumática sempre permanece incorporado, como um corpo estranho, dentro do sobrevivente. Na cena do trabalho do trauma, nunca podemos contar com uma introjeção absoluta. Esta cena nos ensina a ser menos ambiciosos ou idealistas em nossos objetivos terapêuticos. Para o sobrevivente, sempre restará este estranhamento do mundo, que lhe vem do fato de ele ter morado como que “do outro lado” do campo simbólico. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 11).

O trauma, portanto, também aproxima as narrativas de *K.- Relato de uma busca* e *O último mamífero do Martinelli*, porque esses dois textos retratam experiências traumáticas, que assolam o mundo dos personagens com uma força avassaladora, aprisionando-os ao passado, forçando-os a buscar respostas para continuar a viver.

A história do romance de Kucinski inicia-se com K. preocupado com a filha, pois há dez dias ela não telefona. A partir de então, principia-se uma busca incansável e por conta dela a narrativa transita entre o presente e o passado, na qual K. busca lembranças de sua filha, e o futuro.

No capítulo “Os primeiros óculos”, o narrador retorna ao passado e relembra o dia em que K. levou Ana Rosa para comprar os primeiros óculos, a menina tinha quatorze anos de idade: “A menina tinha catorze anos; acabara de provar os óculos que escolhera com o pai na semana anterior e haviam sido entregues naquela tarde” (KUCINSKI, 2011, p. 38). Na sequência dessa cena, tomamos contato com o drama de sua mãe, que sofria por ter tido um câncer de mama e perdido o seio e também por saber que toda sua família foi morta pelos nazistas. O nazismo alemão e a ditadura militar brasileira equivalem-se no sentido de perseguir e matar inocentes e são reveladores da barbárie em solo europeu e brasileiro.

Em “A queda do ponto”, é descrito o desespero de um casal, provavelmente Ana Rosa e Wilson, diante da traição de um companheiro. Ocorre que o delator sabe informações privilegiadas sobre ambos, e eles ficam em dúvida sobre abandonar ou não a causa. O casal havia feito um dossiê sobre os crimes da ditadura e então o narrador revela estar em um futuro distante da realidade do casal.

A lista dos duzentos e trinta e dois torturadores, que **jamais serão punidos, mesmo décadas após o fim da ditadura**; os manifestos dos presos políticos, o dossiê das torturas, o relatório prometido à Anistia Internacional. **E também a pasta de recortes de jornais sobre os hábitos e rotinas de empresários apoiadores dos centros de tortura.** Não sabem que, exceto o já justificado, **todos eles morrerão de morte**

natural, rodeados de filhos, netos e amigos, homenageados seus nomes em placas de ruas. (KUCINSKI, 2011, p. 27, grifos nossos).

Neste trecho, a crítica abrange todo um período que vai desde a ditadura até os dias atuais, pois, como já comentado, o narrador afirma que a sociedade sofre de um esquecimento coletivo, uma vez que não houve punição aos algozes e perseguidores da época. O narrador demonstra ainda o repúdio contra empresários que apoiaram as atrocidades cometidas pelos torturadores, que após a ditadura morreram ou morrerão serenamente, sendo amados e homenageados.

Há intertextualidade em diversas passagens da narrativa, algumas são explícitas, outras estão ocultas, e cabe ao leitor, com o seu conhecimento, preencher as lacunas e entrelinhas para alcançar sua significação. Percebemos que a narrativa dialoga com outros textos. Em “Sobreviventes, uma reflexão”, o foco principal é a culpa que sentimos por estarmos vivos. K. sente-se culpado pela morte da filha e termina citando diretamente o longa-metragem *A escolha de Sofia* e o livro *O processo*, de Franz Kafka. O narrador afirma que é justamente essa a intenção dos algozes: livrar-se de julgamento tornando culpados os inocentes: “A culpa. Sempre a culpa. A culpa de não ter percebido o medo em certo olhar. De ter agido de uma forma e não de outra. De não ter feito mais. [...] No fundo a culpa de ter sobrevivido” (KUCINSKI, 2011, p. 167).

No capítulo “Paixão, compaixão”, a narrativa assume a forma de confissão. A narradora conversa com outra mulher que busca notícias do filho desaparecido e ao final do capítulo lhe é revelado que seu filho está morto. O que nos interessa neste capítulo, em relação à intertextualidade, é que durante o diálogo a narradora, uma advogada que confessa ter um caso com “um pode-tudo” (KUCINSKI, 2011, p.102) e frequentemente diz que não se escolhe quem amar, relata a tortura sofrida por padres e que um deles cometeu suicídio. O leitor que tiver um conhecimento amplo sobre os acontecimentos e as obras que trazem a ditadura como pano de fundo, consegue atribuir nomes a esses padres e também ligar a história à obra de Frei Betto, *Batismo de sangue*, publicada em 2007:

Eu sei desse caso do padre que se matou por causa dele, não sei de tudo, mas o que sei já me deixa mal. Eu li a história. [...] É que para ele padre não deve se meter em política. [...] Uma vez ele disse que padre que se mete em política não é padre, é terrorista. Foi quando eu percebi que ele odiava padre. [...] No dia que prenderam os dominicanos ele festejou. (KUCINSKI, 2011, p. 106-107).

Atribuindo nomes aos personagens, podemos perceber que o padre que cometeu suicídio é Frei Tito, que após sofrer nas mãos de um torturador, nunca mais recuperou a sanidade. Com isso, percebemos que o amante da narradora é o torturador de Frei Tito.

No capítulo “A cadela”, o narrador é um dos homens que sequestraram Ana Rosa e Wilson. Percebe-se que ele manifesta-se por meio de um monólogo e reclama constantemente do cachorro que estava com o casal e que o chefe não deixa matar. O narrador revela que ao abordar o casal, não houve alternativa a não ser levar o cachorro junto para não levantar suspeitas:

Não tínhamos pensado na cadela. O Lima levantou tudo – o danado, até o nome da cachorrinha, Baleia, nome besta para uma cadelinha miúda e peluda pra caralho. De onde é que tiraram esse nome? (KUCINSKI, 2011, p. 63).

[...] parece cachorrinha de madame; não entendo o que dois terroristas faziam com uma cachorrinha assim, vai ver não eram terroristas coisa nenhuma, não combina, ou vai ver a cachorrinha era para disfarçar, ou com esse ouvido dela fazia de guarda, dava o alerta, só que dessa vez ela bobou [...] (KUCINSKI, 2011, p. 64).

Neste trecho, fica claro que o nome da cachorra do casal sequestrado é emprestado de outra cachorra famosa na literatura, a Baleia do personagem Fabiano descrita na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Tanto no romance de Kucinski quanto no do escritor alagoano, notamos a humanização dos animais e a animalização dos seres humanos, que se tornam irracionais, vingativos, mesquinhos e capazes de cometer as maiores atrocidades contra o próprio semelhante.

Comprovamos que os donos de Baleia são Ana Rosa e Wilson devido ao capítulo “Carta a uma amiga”. Ana Rosa diz ter ganhado uma cachorrinha de Wilson e deu a ela o nome de Baleia: “Minha única alegria hoje, além da paixão de que já te falei, é uma cachorrinha que ganhei dele, uma graça, tratamos como filha [...] Se chama Baleia. Homenagem ao Graciliano, claro. Mas não é vira-lata, tem pedigree e tudo” (KUCINSKI, 2011, p. 48). Conforme comentamos, os animais acabam sendo portadores de uma humanidade e capacidade de afeto que os humanos perderam, tornando-se algozes de seus semelhantes, por meio de atitudes e comportamentos irascíveis e violentos, que buscam destruir e aniquilar aqueles que se interpõem a seus projetos ou tomam atitudes contrárias àqueles que estão no poder.

K. – Relato de uma busca é um importante instrumento para que a sociedade possa compreender os crimes cometidos durante o regime militar e observar que, muito mais que um pai em busca da filha, trata-se da ativação da memória coletiva para que haja a reapropriação da história do país, cheia de desaparecimentos, mortes inexplicáveis e famílias que aguardam um desfecho das histórias de seus entes queridos e desaparecidos, e que talvez nunca tenham um fim.

Do homem aprisionado num velho edifício até o pai que busca respostas para o desaparecimento de sua filha, há uma linha tênue que os separa, mas há também um elo que liga suas histórias, como vítimas da ditadura, em dois períodos muito marcantes da história do nosso país, e que vivem com uma “espada sob suas cabeças”: o personagem de *O último mamífero do Martinelli* sai do seu esconderijo, no entanto, continua temeroso de que possa ser apanhado na próxima esquina, até que é atropelado. O pai de Ana Rosa continua sem as respostas que busca e as histórias das duas obras permanecem como um espaço aberto para o leitor, para que ele tire suas próprias conclusões, reflita e se conscientize de que a realidade e a ficção tangenciam-se e se mantêm sempre como um território de conjecturas e possibilidades, no qual o destino do ser humano será invariavelmente uma incógnita e nem sempre haverá finais felizes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as obras de Marcos Rey e Bernardo Kucinski é inegável que ambas se assemelham em relação à temática e ambas tecem críticas ao regime militar. Percebe-se um ambiente de angústia, em *K.* por não se saber o destino de uma pessoa amada e, em *O último mamífero do Martinelli*, por não se ter liberdade e ter que se ocultar pelo temor de ser preso, torturado e assassinado, como acontece com Ana Rosa, do romance de Kucinski.

Em “Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas”, Seligmann-Silva (2008, p. 69) afirma que “[...] o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa”, mostrando-se, portanto, “como o fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal”. Percebemos que o trauma afetou muito mais a obra de Kucinski do que a de Rey, já que Ana Rosa foi procurada e a dor da perda ainda lateja em seus familiares. O personagem de Rey é alguém que está foragido, mas não sabemos se ele passou pelas mesmas torturas que Ana Rosa, do livro *K. - Relato de uma busca*.

Em *O último mamífero do Martinelli*, o personagem morreu em uma confusão cronológica, já que ao ver um desfile com ornamentos de algumas décadas passadas, supôs ter viajado no tempo e, atordoado, morreu atropelado. As principais diferenças no que tange ao sentimento das personagens das duas obras é que em *K.* há a busca por uma pessoa desaparecida, em *O último mamífero do Martinelli*, o medo, o ato de ocultar-se para não ser preso. Dessa maneira, observamos que a

compreensão do texto literário nessa perspectiva conduz a análises dos procedimentos que caracterizam as relações entre eles. Essa é uma atitude crítica textual que passa a ser incorporada pelo comparativista, fazendo com que não estacione na simples identificação de relações, mas que as analise em profundidade, chegando às

interpretações dos motivos que geraram essas relações. (CARVALHAL, 2006, p. 52).

Em conjunto, as duas obras são complementares, pois a partir da análise de ambas, podem-se estabelecer ligações e perfis de diversos elementos da ditadura, sejam eles torturadores e ou suas amantes, vítimas que foram torturadas, familiares e foragidos. Obtêm-se, através da análise, elementos textuais que evidenciam o caráter e o modo de agir das personagens que têm a visão extraordinária de diversas conjunções temporais.

Os personagens das obras analisadas unificam-se no final de suas histórias pela morte. Embora nada seja esclarecido, tanto Ana quanto o desconhecido que habitava o edifício Martinelli estão mortos, contudo, deixam o seu testemunho, a sua vivência de períodos bastante conturbados da história de nosso país, cujos reflexos estendem-se até os dias atuais, porque inúmeras histórias de pessoas perseguidas pela ditadura brasileira continuam aguardando um desfecho, que talvez nunca chegue a acontecer. Enfim, os dois relatos estudados comprovam que a literatura se faz pelo entretencimento de fatos reais e ficcionais e ambos, dentro das devidas proporções, podem ser considerados como versões plausíveis da realidade brasileira, de períodos que merecem um olhar sempre atento e crítico da parte de todos nós, estudiosos e críticos de literatura.

Concluimos que, com os dados levantados em nosso artigo, pudemos analisar algumas das principais características das obras de Marcos Rey e Bernardo Kucinski, revelando que, embora tenham usado caminhos diferentes, o impacto da leitura é algo que faz o leitor resgatar questões adormecidas e se tornar um indivíduo mais crítico e conhecedor de sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CANDIDO, Antonio. *Direitos humanos e literatura*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2006

KUCINSKI, Bernardo. *K.– Relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

REY, Marcos. *O último mamífero do Martinelli*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008, p. 65-82.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Tempo e argumento*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010.

TODOROV, Tzvetan. *Poética da prosa*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Recebido em 11/08/2017.

Aceito em 29/12/2017.